

O VIVENCIAR DO LUTO NA INFÂNCIA

Katiuscia Carvalho Santana 

Especialista em Psicologia, docente do Centro Universitário FAEMA – UNIFAEMA.
E-mail: katiuscia.carvalho@unifaema.edu.br

Submetido: 11 fev. 2022.

Aprovado: 16 fev. 2022.

Publicado: 24 fev. 2022.

E-mail para correspondência:

katiuscia.carvalho@unifaema.edu.br

Este é um trabalho de acesso aberto e distribuído sob os Termos da *Creative Commons Attribution License*. A licença permite o uso, a distribuição e a reprodução irrestrita, em qualquer meio, desde que creditado as fontes originais.
Imagem: StockPhotos (Todos os direitos reservados).



Open Access

Introdução

Freud, em seu texto *Luto e Melancolia* (1917/2010), expõe esclarecimentos sobre esses termos. No luto o sujeito vive a perda da pessoa ou objeto amado. Ele não é um processo patológico, apesar de poder gerar um afastamento da condução normal da vida, pode ser superado após certo tempo, mesmo sem a intervenção de outrem. Na melancolia a pessoa se sente desanimada, perde o interesse pelo mundo exterior, a aptidão para amar, experimenta uma inibição de toda atividade e tem sua autoestima diminuída. O luto exhibe os mesmos traços da melancolia, menos um, nele a autoestima está preservada, não é afetada ⁽¹⁾.

Quando se perde uma pessoa amada o sofrimento sentido é um dos mais intensamente dolorosos experimentados pelo ser humano. É árdua tanto para quem experimenta como para quem observa, pois este se sente impotente ao tentar ajudar. Para quem está em processo de luto somente a volta da pessoa poderia lhe proporcionar um verdadeiro consolo; ao oferecer algo aquém disso, pode ser sentido como um insulto. É comum que quem observa de fora subestime o quão aflitivo e desnorteante é a dor de perder uma pessoa amada, e o tempo que dura o desnorteamento e a aflição sentida pelo enlutado ⁽²⁾.

Uma das experiências mais impactantes que a criança pode vivenciar é a morte de um de seus progenitores, ela se configura em potencial estressor para a criança, podendo colocar em risco a sua segurança e sobrevivência emocional. Diante da morte a criança apresenta sentimentos de desamparo e impotência, pois seu provedor está agora ausente. A criança se sente perdida, pois o mundo que conhecia está confuso, seu genitor que antes podia afastar-se e retornava, agora não retorna mais. “O luto é um processo de reconstrução, reorganização, diante da morte, desafio emocional e cognitivo com o qual ela tem que lidar” ⁽³⁾.

As crianças elaboram o luto, com modelo próprio, não uma versão deficiente do adulto, e nem é necessário impor-lhes o modelo adulto. Ele tem características específicas, entendendo que a criança está em processo de estruturação de sua personalidade ⁽³⁾.

Com base nesses aspectos, essa pesquisa traz como questão norteadora o seguinte problema: é fundamental discutir sobre a importância de se comunicar bem a questão da morte de um ente querido a uma criança, muitas vezes invisibilizada nesse processo vivenciado com tanta dor pela família. A má comunicação e informação da morte de alguém gera desdobramentos para além da infância. São nesses aspectos que esse estudo se justifica.

Objetivos

Compreender a dinâmica do luto e como ele se manifesta na infância. Discorrer sobre a importância de a criança participar dos rituais fúnebres.

Metodologia

Esse estudo fundamenta-se em uma pesquisa bibliográfica, construída através de pesquisas em livros, artigos, além de documentos encontrados em bases como o Scientific Electronic Library Online – SciELO, Periódicos Eletrônicos em Psicologia – PePSIC e Google Acadêmico. A pesquisa bibliográfica é construída com base em materiais já existentes, como livros e artigos científicos, com isso uma considerável quantidade de estudos exploratórios configura-se como pesquisas bibliográficas ⁽⁴⁾.

Para cumprir os critérios estabelecidos para a construção do trabalho, as palavras-chave utilizadas no levantamento foram: Psicanálise, luto infantil, psicoterapia infantil, depressão infantil. Os materiais estão datados entre 1984 e 2011, composto por obras clássicas sobre o tema, num recorte temporal a maior de cinco anos, justificados pela relevância que o tema propõe e pobreza de publicações específicas.

Resultados e Discussões

Com a morte de um dos pais a criança perde ainda os pais da forma como eram antes, já que o pai sobrevivente também passa por um processo de mudança emocional, comportamental e tem seus papéis reorganizados. A tarefa desempenhada pela criança então é ainda mais complexa do que a do adulto, porque a perda a priva de uma base segura e de identificação ⁽⁵⁾. Por se encontrarem também enlutados, o referencial da criança do pai sobrevivente é alterado, eles também estão transtornados em sua forma de se expressar e agir. O mundo que a criança conhecia é perdido com a morte de seu genitor, é complexo para ela suportar toda gama de sentimentos que a envolvem com o desmoronamento familiar ⁽³⁾.

O luto é um processo que todos passam, seja criança, adolescente, jovem, adulto ou idoso, diante da perda de um objeto de apego. O sentimento que é descrito por quem está passando por ele é o de vazio ⁽⁶⁾. O sentimento de abandono sentido pela criança é frequente, pois se sente desamparada tanto pelo que morreu como pelo que ficou e está também sofrendo esta perda. Ela pode apresentar fantasias de que foi a responsável pela morte. Se essa criança apresentava agressividade pelo pai que morreu, isso pode acarretar em uma dificuldade na elaboração deste luto. É necessário que alguém ajude essa criança a lidar com esses sentimentos de ambivalência emocional e culpa provocada pela morte de um genitor ⁽³⁾.

Se a perda de um genitor ocorre durante a infância, um curso patológico é a reação mais corriqueira a se seguir. Os efeitos que essa perda pode gerar quando adultos serão: despontar sérias ideias de suicídio, revelar alto grau de superdependência, aumentar condições depressivas graves, classificáveis como psicóticas ⁽²⁾.

A maior crise que uma criança pode se deparar é a morte repentina de um ou ambos os pais, ela afeta o sentimento de onipotência infantil, ao contestar a visão de pais

superpoderosos que a criança idealizava que tinha. Pode também surgir culpa, pois os impulsos agressivos que ela pode ter tido, a criança acredita que se realizaram, causando a morte de seu pai. E diferente do que ocorre com a morte esperada, na morte repentina a criança é privada de fazer um luto antecipatório, uma oportunidade de se preparar previamente para o evento ⁽⁵⁾.

As crianças elaboram o luto, com modelo próprio, não uma versão deficiente do adulto, e nem é necessário impor-lhes o modelo adulto. Ele tem características específicas, entendendo que a criança está em processo de estruturação de sua personalidade ⁽³⁾. O adulto sente a necessidade de pessoas de apoio à sua volta, pessoas dispostas a oferecer consolo e ajuda, a criança igualmente busca esse apoio. Diferente do adulto que sabe que conseguirá viver sem o ente querido, a criança não tem noção que conseguirá viver sem o falecido, precisa então se sentir apoiada e segura. O adulto tem todas as informações necessárias à sua disposição, já a criança muitas vezes é privada dela ⁽²⁾.

Outra desvantagem do luto infantil é que os adultos frequentemente não toleram a saudade, o sofrimento e a angústia da criança, para eles ela não sofre desses dissabores. A falta de entendimento infantil sobre questões relativas à vida e à morte leva a um mau saber do que aconteceu com seu genitor. Geralmente, quando a criança deixa de reagir à notícia do falecimento de um de seus pais é porque a informação foi passada de forma inadequada e não deram a ela a chance de um real entendimento da natureza do ocorrido ⁽²⁾.

Vários fatores podem influenciar o luto das crianças, dificultando-o ou facilitando-o. Dentre estes fatores, destacam-se a informação que a criança tem da perda, os modelos de relacionamento familiar prévio, as alterações ocorridas após a morte, e, sobretudo, a oportunidade que lhe é dada para compartilhar seus sentimentos e emoções ⁽⁵⁾.

Diferente dos adultos, as crianças não estarão presentes no momento da morte, e é habitual que elas só saibam do ocorrido muito tempo depois, e mesmo depois disso ainda as informações podem vir de maneira enganosa ⁽²⁾. Visto isto, as reações delas podem ser desproporcionais ao que aconteceu. E quanto menor a criança, maior a chance dessa notícia ser postergada, informando a criança que o pai ou a mãe foi viajar, ou que será transferida de hospital. Outra explicação utilizada pelos pais é que o ente querido foi para o céu ou que foi dormir. Essas explicações geram nas crianças uma repulsa ao céu, pois levou seu genitor querido e até um medo de dormir e não acordar mais ⁽⁵⁾.

Existem duas informações cruciais, segundo o autor citado anteriormente, que devem ser apresentadas às crianças o quanto antes. Primeira: a irreversibilidade da morte, a pessoa não voltará; e segunda: que seu corpo está enterrado no chão ou foi incinerado. Isso por si só já é uma dificuldade para o sobrevivente, pois ele busca proteger a criança contra a consciência da morte e da dor do luto, além de que falar essas coisas o expõe a sua própria dor e à realidade da situação ⁽⁵⁾.

Outra dificuldade enfrentada pelos sobreviventes é ocultar sua dor para as crianças, eles têm medo de ser muito perturbador para ela. Mas pelo contrário, o filho é muito sensível ao que está sendo demonstrado pelo genitor, se o pai esconde suas emoções, seu filho também esconderá, se aquele preferir o silêncio, este mais cedo ou mais tarde abandonarão as perguntas. Esse obscurecimento de informações sobre a morte resulta em confusão e patologia às crianças. É necessário, primeiro, oferecer ajuda e apoio ao pai enlutado para que ele possa dar o suporte necessário ao filho. Somente ao informar corretamente às crianças é que elas poderão enfrentar o ocorrido com realidade. É possível que a criança pequena compreenda o fenômeno da morte como irreversível. Ela pode entender que poderá ficar triste e sentir saudade, mas para isso é necessário que tudo fique bem conversado e explicado para ela ⁽²⁾.

Se o adulto que está ao lado desta criança se nega a esclarecer verbalmente sobre a morte, o processo de luto dela fica, em um primeiro momento, perturbado, pois envolve aceitar

que alguém se foi para sempre. As explicações mais utilizadas são as de que a pessoa foi para o céu, foi viajar a trabalho, ficou doente, que logo vai voltar, entre outras. Esse tipo de esclarecimento só proporciona dor, confusão e frustração permanente para as crianças. Esse tipo de resposta, que num primeiro momento tem a função de proteger a criança da dor, apenas causa mal a longo prazo, privando-a de vivenciar o luto e o vivenciar de uma forma mais saudável ⁽⁷⁾.

Existem condições favoráveis para que até mesmo crianças pequenas possam enlutar-se pela perda de um pai ou uma mãe, de um modo que muito se parece com o luto sadio dos adultos. São elas: primeiro, que tenha tido um relacionamento seguro com o pai antes da perda; segundo que tenha recebido informações imediatas e precisas sobre o ocorrido, que seja livre para a criança o questionamento e as respostas estejam o mais sinceras possíveis e que possa participar do pesar familiar, além de ter a presença garantida nos rituais fúnebres; e, terceiro, que tenha a presença confortadora do pai sobrevivente, ou de uma figura conhecida que faça esse papel e que tenha confiança que essa relação continuará ⁽²⁾.

A não participação nos rituais de morte do pai ou da mãe podem acarretar em depressão na criança, e até em sua vida adulta, além de vivenciar sentimento de culpa. É necessário realçar a importância de apoio e autorização para que a criança possa compartilhar abertamente sobre sua dor com seus familiares. Ao ocultar informações, a criança fica impedida de participar plenamente dos acontecimentos relacionados à perda, com isso o processo de reconhecimento da realidade e a socialização do pesar ficam dificultados. O desencontro ou a insuficiência de informações, a dificuldade da família em dividir os eventos da perda, o medo de expor suas próprias dificuldades em aceitar a perda deixam a criança sem o devido suporte social e eleva a dificuldade de elaboração da perda ⁽⁵⁾.

Ao não comunicar a criança a morte de maneira adequada, o adulto não a está protegendo, é sim um movimento de subestimação da criança, pois a impede de aprender sobre a realidade da vida, que a morte e as perdas fazem parte da existência humana. Na verdade, o adulto tem dificuldade de contar para a criança sobre a morte, pensando que essa não pertença ao universo infantil. Mas privar a criança dessa informação não a impedirá de sentir a dor, e muitas vezes estará confusa com tudo o que está passando ao seu redor ⁽⁸⁾.

Conclusão

As crianças, como os adultos vão sentir saudades e necessitam de que alguém esteja ao lado delas para ser seu apoio e ouvinte. Os sentimentos que ela pode experimentar são os mais diversos como, raiva, culpa, medo da morte, sua ou dos parentes que ficaram, e todos esses sentimentos devem ser validados por quem cuida dela. A criança nunca esquecerá a pessoa falecida e sua lembrança deve ser estimulada por quem está a sua volta, para que a medida que cresça ele busque mais informações para poder conhecer mais ele.

A morte é inerente a todos os seres humanos, e a criança deve ser incluída nos ritos de passagem de seus entes queridos. Pensar que ela ainda não entende ou que não sofre pela perda tanto quanto os adultos é um grande erro. A diferença é que mesmo em meio à dor, a criança, mediante mecanismos de defesa, consegue momentaneamente se desligar do grande sofrimento. Incluir a criança contando a ela a verdade é a melhor saída para a elaboração de um luto saudável.

Palavras-chave: Psicanálise. Luto. Infância.



Referências

- 1 Freud S. Luto e Melancolia. Em Obras Completas. São Paulo: Companhia das Letras; 2010 [1917].
- 2 Bowlby J. Perda: tristeza e depressão, volume 03 da Trilogia Apego e Perda. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 2004.
- 3 Franco MHP, Mazorra L. Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. Estudos de Psicologia (Campinas). 2007; v.24, n.4: pp. 503-511. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2007000400009>
- 4 Gil AC. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2002
- 5 Anton MC, Favero E. Morte Repentina de Genitores e Luto Infantil: Uma Revisão da Literatura em Periódicos Científicos Brasileiros. Integração em Psicologia. 2011; 15 (1) ed.: 101-110. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v15i1.16992>
- 6 Wolrden JW. Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto. 4 ed. São Paulo: Roca; 2013.
- 7 Aberastury A. A percepção da morte na criança e outros escritos. Porto Alegre: Artmed; 1984.
- 8 Paiva LE. A arte de falar da morte para crianças: A literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores. São Paulo: Ideias e Letras; 2011.